

A VOZ DE MELGAÇO

Director e Administrador:

JÚLIO HILARIÃO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas — Residência Paroquial — Melgaço

Propriedade impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada — Braga AVENÇA»

Chefe da Redacção e Editor:

CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00

ANO — XIV

Melgaço, 1 de Junho de 1960

N.º 210

Continuemos

pelo Dr. Abel Varela e Seixas

Afirmamos algures, sermos um vagabundo das terras. Ora um tema, bem ou mal focado, um episódio, um assunto, uma pretensão colectiva, um devaneio para isto ou para aquilo. Variação, mudança, novos ares e climas. E se há coisa que nos custa de abordar é a do aniversário duma publicação. Porque tem fatalmente que se cair em dois pontos, sempre os mesmos, lugar tomum: — ou a figura do Director, ou o sacrifício que se faz pela sua publicação, com as inseparáveis mal-entendidos e incompreensões. Então, adeus vagabundagem, pois só dum ponto para outro se pode ir!

Não é, embora se julgue, o nosso caso.

Nem o responsável precisa de encómios incensuatórios, nem o sacrifício se exalta porque, sendo voluntário, se faz de boa mente e tudo que lhe seja adstricto, não conta.

Para lá disto tudo, há uma «Obra». Sendo assim e porque se vivem horas de recuperação, é de aproveitar a oportunidade, a data aniversariante, para se dizerem suas palavras. A «Voz de Melgaço», tem um lugar parte, pelo que tem feito, por um passado que não envergonha, que nunca se desviou um milímetro que fosse a trajectória definida aquando da sua criação na tal reunião histórica realizada no edifício hospitalar; banreira sempre desfraldada e na vanguarda dumas hostes pequenas ou grandes, são das melhores na luta ranca pelo progresso da sua terra. Nesses momentos, seja como for e contra quem for, a posição tem sido firme, sempre a mesma; foi por isso, que alguns pretensos amigos da primeira hora, ficaram pelo caminho porque não se lhes serviram as ambições, as clientelas, as vaidades, o interesse pessoal em prejuizo do colectivo.

Aqui, defendem-se princípios, sempre os mesmos, não se diz hoje uma coisa para amanhã se negar, não se dá um valor infimo ao que é dos outros, valorizando o nosso; não se diz que uma actividade em Melgaço, é uma honra para quem a pratica, para se vir numa viravolta, ignorar, ingenuamente, da existência, da mesa neste local ou naquelas paragens.

Não! Aqui, na «Voz», os que ficamos e nos temos antido, temos uma só opinião e um só sentido: — servir os olhos vendados, como alegoria de Justiça, o interesse geral, o que é de todos e muito justa e implicitamente, nosso. Das campanhas, como aquelas em prol do novo Hospital, das Escolas e da Casa dos Magistrados, em de outras que por estas colunas se tem mantido, lido e activado. Dai a ampla liberdade — reparem que do termo se servem — que a todos nos é dada pela Direcção do Jornal no sentido de focarmos inteiramente, a vontade e com independência, os factos que merecem critica, apoio ou discordância.

Não quer dizer que as oposições que possam aparecer, ou por discordância de princípios ou por dogmatismo, não nos mereçam a melhor das atenções. Podem esclarecer-nos, embora até ao momento por tal não tenhamos dado; podem revelar-nos um sentido mais ou menos cooperante, ou até como uma espécie de terminologia política e com fins mais ou menos a vista, embora confessáveis; e porque nisto de política, o que parece, abstemo-nos de mais comentários.

Igualmente também podem aparecer daqueles que filhando ideias da quase não existência pátria, dos adãos do mundo, do mundo livre à sua moda, paratático, movida por forças liberalistas, não reconheçam os pontos de discussão a qualquer português de Portugal

(Continua na 6.ª pág.)

Em dia de festa

Ao entrarmos no XIV ano, saudamos os nossos amigos — fundadores do jornal, colaboradores, assinantes e anunciantes — saudamos a nossa terra que «A Voz de Melgaço» tem defendido, sempre com orgulho e amor desinteressado.

Sport Club Vianense

COMUNICADO

Os clubes do Distrito de Viana do Castelo com excepção do Desportivo de Mourão, reunidos em Arcos de Valdevez, no dia 28 de Abril, p.p., pelas 22,30 horas, acordaram, tratando da possível criação da Associação de Futebol de Viana, no seguinte:

1.º — Considerar inoportuna, neste momento, a criação da referida Associação;

2.º — Considerar ainda que, quando o julgarem conveniente, tal criação apenas possa ser estudada, desde que sejam eles os autores de tal proposta.

Sport Clube Vianense
Clube Fluvial Vianense
Sport Clube Melgacense
Associação Desportiva dos Límianos
Clube Atlético de Valdevez

«Voz da nossa terra»

Em 24 de Abril entrou no 8.º ano de publicação «Voz da nossa Terra», de que é Director o nosso querido amigo e ilustre colaborador, padre Manuel António Bernardino.

Nossos parabéns, com votos de longa vida.

Belezas da nossa terra

Dizem que Portugal é o jardim da Europa à beira mar plantado. Pode acrescentar-se que o Minho é o jardim de Portugal onde tudo respira alegria e poesia.

Cada recanto do nosso Minho é um canteiro do maravilhoso jardim que Deus plantou no velho condado portucaleNSE.

A nossa terra, Melgaço, merece bem a atenção dos turistas pela beleza de seus panoramas, pela antiguidade dos seus monumentos, pelo apreço das suas variedades típicas.

Quem não aprecia um passeio pela estrada que desde a vila a S. Gregório serpenteia sobranceira ao rio Minho?

Que dizer de uma subida pela estrada de Fiães, alargando sucessivamente os horizontes que se desdobinam sob os olhos ávidos de contemplação? E se um dia a gente puder facilmente galgar o Pomedelo?

Castro Laboreiro, a velha terra serrana a desabrochar para o moderno progresso, relíquia de um povo que o General João de Almeida disse vir da lendária Atlântida e ser o verdadeiro autoctone da raça portuguesa, merece com razão a atenção dos étnicos e filólogos.

Para muita gente só tem valor o que é estrangeiro. São os herdeiros da escola onde se dizia que ninguém é profeta na sua terra.

Acordemos para a realidade. Melgaço é terra de interesse turístico.

(Continua na 6.ª pág.)

Gri... gri... gri...

ANIVERSARIO NATALICIO

Mais um ano de vida completa a nossa menina que ainda está longe de atingir a maioridade, mas já fala e discorre como muitos de maioridade estão longe de discorrer.

Tem, por vezes, as suas traquinices, mas que quem, se ela deixa agora o seu XIII ano de existência para passar ao XIV? E o que ela não será, quando atinja a sua maioridade?

Ah! nessa altura é que vai ser «o bô e o bonito». Com os pulmões fortes como aparenta e a voz timbrada e sonora como tem, estou convencido de que há-de falar mais alto que a trombeta que um dia nos dirá: surgite mortui, venite ad judicium! e nessa altura a sua voz há-de ouvir-se em Lisboa, e Melgaço deixará então de ser a terra esquecida dos nossos governantes a quem nem sempre cabe toda a culpa. Mas, porque hoje é dia de festa, pois a nossa menina completa mais uma primavera, não há que pensar em coisas tristes.

Chamam-lhe, às vezes, linguareira, alegando que se mete na vida alheia. Pobre menina! Já alguma vez se meteu na vida particular d'alguém? Ora na vida pública, julgo ser um direito que a ninguém deve cercar-se, a fim de servir de incentivo o procedimento dos bons para que o número destes aumente, podendo ser, até que o número dos maus desapareça. Só então é que este mundo poderia ser feliz.

Deixem-na, pois, seguir a sua directriz de início, que a prova de que satisfaz, está no aumento crescente dos seus assinantes.

Já sabem que a menina de hoje é «A Voz de Melgaço» a honra de quem levanto o meu cális, fazendo votos por que, dentro de pouco tempo, deixe de ser bimensal e passe a ser, pelo menos, semanário para dar saída aos linguados que, muitas vezes, têm de ficar prisioneiros.

Grito

Da Vila

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Maio, 26

O turismo, quando bem explorado (não confundir aqui exploração com abuso...) é uma verdadeira fonte de riqueza, há muito reconhecida por todos os povos que dele tiram proveito.

Ora a Natureza não foi avara, em dotar esta região com todas as condições necessárias para dela fazer uma das mais belas, ricas e privilegiadas zonas turísticas do País; mas... — triste é dizê-lo! — chegamos a mais uma época estival e em Melgaço nada se fez para atrair turistas e veraneantes até nós. Assim...

A desejada e imprescindível Pousada de Turismo, há muito prevista no plano de urbanização desta Vila, continua a dormir regaladamente no papel o seu pesado sono de chumbo...

Lá pelo Peso, continua tudo como dantes... Tudo como dantes... é uma força de expressão, pois as árvores do Parque e outras apresentam-se cada vez mais frondosas e mais pujantes. Mas só, o que é pouco, muito pouco... E, portanto, os aquistas tinham direito a ter ali um Bar moderno ainda que modesto, nem só para reter uns e atrair outros, como também para tornar a estadia mais agradável e afugentar o tédio da solidão a todos.

Sim que paisagens bonitas, horizontes deslumbrantes, panoramas encantadores, bom trato e modos fidalgos dos respectivos hoteleiros, etc., etc., só não bastam. É preciso mais, algo mais...

Por outro lado, pena é também não surgir por aí alguém que com umas luzinhas de francês queira munir-se no Secretariado Nacional de Informação e Turismo com a competente licença de guia-intérprete para assim, nas horas vagas, ficar habilitado a explicar aos turistas estrangeiros que nos visitam — e franceses já por cá vimos alguns este ano — a história resumida da capela da Orada, dos conventos de Fiães e de Paderna, dos castelos de Melgaço e Castro Laboreiro, etc., etc.

Não perdia seu tempo quem entre nós se habilitasse com este mister, pois — por experiência própria — sabemos quanto fele é remunerador... Mas onde está por aí alguém com iniciativa para tanto...?

Crispino

Pró nova Ambulância — Só a partir do próximo mês de Junho, a Ex.ma Comissão encarregada de recolher os fundos necessários para a aquisição da nova auto-ambulância para o Hospital da Santa Casa, iniciará o pedatório no concelho, e da forma como este decorrer o noticiaremos aos nossos leitores.

Até lá, porém — ó Melgacense! — mostra mais uma vez a tua proverbial generosidade.

Espectáculos — Na primeira quinzena de Junho, o «Cine Pelicano» exhibirá:

No dia 5, «Orfeu Negro». Filme brasileiro para maiores de 17 anos, indiscutivelmente o mais sensacional da época, que em Paris, em Londres, em Lisboa, no Porto, noutras partes, registou êxitos consecutivos.

No dia 11 à noite e no dia 12 à tarde e à noite, «Os Dez Mandamentos». Filme americano em technicolor, o maior acontecimento na história do cinema, com cenas de grandiosidade e emoção incomparáveis. Maiores de 12 anos.

E no dia 16, à noite, «Homem para Homem». Filme de aventuras com Anthony Quinn.

Para os dois primeiros, preveem-se lotações esgotadas.

Um caso lamentável... — Quando, há dias, o sr. Mário Rodrigues, comerciante na freguesia de Paços, seguia no seu automóvel, acompanhado de sua esposa, ao passar em Chaviães, parece que por não ter obedecido ao sinal de paragem que uma patrulha da G. Fiscal ali em serviço lhe fez, sinal que o sr. Rodrigues diz não ter visto, foi alvejado a tiro, ficando ferido numa perna, pelo que foi tratado no Hospital da Misede.

(Continua na 5.ª pág.)

SOCIDADE ANIVERSARIOS

Fazem anos: — Hoje a sr.a D. Ermelinda Fernandes de Faro e Rocha e o sr. Agostinho Alves; no dia 4 o sr. José Augusto Ribeiro; no dia 5 os sr.s P.e Justino Domingues e Cláudio da Rocha; no dia 9 a menina Rosa Rodrigues Gomes Domingues e os sr.s Alberto José de Caldas e Abel Augusto Rodrigues (Mestre Abel Barrenhas); no dia 10 o sr. Luís Henrique das Neves Pinheiro; no dia 12 a menina Rosa de Lurdes Caldas; no dia 14 os sr.s António Fernandes (Penso) e Lindoso Solheiro de Oliveira, e no dia 15 o sr. eng. Edgar Tito Pinto Ribeiro.

D. Maria Júlia Pinheiro — Vinda de Lourenço Marques, no paquete «Angola», acaba de chegar a Lisboa a Ex.ma Sr.a D. Maria Júlia das Neves Pinheiro, esposa do nosso muito amigo, confratâneo e assinante sr. Henrique Luís de Barros Pinheiro, digno gerente comercial e presidente da Assembleia Geral da Casa do Minho naquela cidade. Muito boas-vindas.

Regresso — Regresso de Lisboa à sua vivenda dos Esparizes a Ex.ma sr.a D. Adalgiza Preciosa Passos de Almeida, que daquela cidade se fez acompanhar por seu irmão sr. Gaspar Octávio Passos de Almeida, proprietário e conceituado comerciante naquela praça. Muito boas-vindas.

Falecimento

Na sua casa do lugar da Portela, freguesia de Paderna, faleceu, em 28 do corrente, o acreditado armazenista que foi da praça de Lisboa, sr. António Manuel Gonçalves, casado com a sr.a D. Dulcinea Nôvoas Gonçalves, pai da sr.a D. Dulcinea Nôvoas Gonçalves e sogro do sr. prof. Manuel Luís de Pinho Gonçalves, aos quais, bem como a toda a demais família enlutada, apresentamos sentidos pêsames.

António Manuel Gonçalves, filho de Bento José Gonçalves e de Maria José Gonçalves, comerciantes que foram do lugar de Sante, nasceu, neste lugar, em 13-6-1887. Aos doze anos, abraçou a carreira comercial, ingressando no estabelecimento de Frederico Augusto dos Santos Lima, da Vila de Melgaço, onde se conservou até 1901, transitando daqui para Viana do Castelo, onde se empregou no armazém de António José do Vale, sito no Largo de São Domingos e onde se conservou até 1906, altura em que emigrou para o Rio de Janeiro. Aqui permaneceu 22 anos, a principio empregado numa casa de secos e molhados, da R. Senador Pompeu, acabando por ser proprietário do «Armazém Gonçalves» sito na R. da Conceição, casa afreguesadíssima e de grande movimento que tinha dezoito empregados.

Regressou à Metrópole, onde, em 31-12-1923, casou com D. Dulcinea Nôvoas, filha do solicitador Manuel José Nôvoas do Outeiro. Em 1929, passou todos os negócios que possuía no Brasil e regressou definitivamente a Portugal, estabelecendo-se no lugar da Portela com um dos melhores estabelecimentos da região. Neste ano, partiu para Lisboa, afim de tomar a gerência da casa «Frazão e Gonçalves, Lda», que então pertencia a sua mãe, D. Maria José Gonçalves, por cujo falecimento e porque seu irmão José Manuel e sua sobrinha Marina Gonçalves cederam as cotas que por herança lhes coubera a João Mário Frazão da Cunha e Henrique dos Santos Duque, com estes dois sócios, continuou na gerência da referida casa (armazém importador de bacalhau) até princípios do corrente ano, altura em que por motivos de saúde, se retirou para a sua casa do «Celeiro», onde a morte o surpreendeu como dito foi.

Também no lugar de Golães, da mesma freguesia de Paderna, acaba de falecer o nosso chorado amigo sr. José Joaquim Meleiro, de 67 anos, casado com D. Rosa Meleiro.

Paz à sua alma e a toda a família enlutada, aqui lhe consignamos as nossas sentidas condolências.

AVISO

PROVIMENTO DE LUGARES DE REGENTES DE POSTOS ESCOLARES.

Até às 17 horas do dia 17 do mês em curso pode ser requerido o provimento dos lugares de regentes de postos escolares abaixo indicados, perante as respectivas direcções dos distritos escolares.

O provimento é de livre escolha de Sua Excelência o Ministro da Educação Nacional. Poderá ser cada preferença na nomeação as requerentes que provem por atestado de residência, habitarem há mais de um ano dentro da área da freguesia servida pelo posto e, dentro desta, às que provem residir a menor distância da sede do posto.

O requerimento é feito em impresso próprio, a fornecer pelas Direcções dos Distritos Escolares, acompanhado da declaração do art. 1.º do Decreto lei n.º 27.003, d. 14 de Setembro de 1936, mais, quando se requerir mais de um posto, bastará juntar uma só declaração do Decreto-lei n.º 27.003. Os requerentes poderão juntar outra documentação relativa a habilitações literárias e científicas, experiência docente e outros serviços prestados, designadamente de carácter social.

O preenchimento deficiente ou errático do impresso-requerimento implica a exclusão da requerente.

Podem concorrer as regentes do quadro de agregados e as regentes escolares que, nos postos de que são titulares, hajam prestado pelo menos no mês de serviço qualificação de suficiente.

Não ser o nomeadas as regentes que tenham sido transferidas disciplinarmente dos postos escolares a prover ou de outro centro da mesma freguesia.

O primeiro nome é o da localidade onde funciona o posto, o segundo o da freguesia e o terceiro o do concelho.

DISTRITO DE VIANA DO CASTELO

Concelho de Ponte do Lima — Sandiães (Ermeril), Sandiães.

Concelho de Viana do Castelo — Gândara, Santa Maria do Gazal do Lima.

Pinto de Magalhães, L.da

BANQUEIROS

CAPITAL DE RESERVAS: Sessenta milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas
LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas
AMARANTE, ARCOS DE VALDEVEZ, PENICHE, FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

Pinto de Magalhães, L. da

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

Por terras de França

São horas de deixar os nossos amigos de Longuy. Como gostava de passar por aqui mais uns dias com todos eles! Mas também não posso.

Tenho de partir, estamos a 27 de Setembro e lá para os dias seis ou sete de Outubro, é-me forçoso estar em Rouças.

O meu parouquiano, Manuel Fernandes, da Eira veio à pensão e acompanhou-me até à gare de caminho de ferro. Não me deixou pagar o taxi. Tomei o comboio para Metz e despedi-me do Fernandes, lembrando todos os meus conterrâneos que trabalhavam em Longuy, e tanto me estimavam.

E agora vou procurar um rapaz também da minha terra e da minha família, muito conhecido em Melgaço, o Armando Carpinteiro meu primo, que trabalhava para os lados da Alemanha. O Armando Carpinteiro!

Um dia pensou em ser funcionário. Preparou-se, mas não foi feliz. E todos tivemos muita pena dele. Mas lá estava ele agora, junto da Alemanha, cheio de euforia, bem lançado, amigo dos seus conterrâneos, a quem muito ajudou, numa altura, em que a nossa terra tanto precisava. Havia de dizer-me mas tarde: Vocês fazem muito bem, mas eu também procuro fazer o que posso.

O comboio deslisava rapidamente por aquelas terras e eu lá procurando direcções de amigos, revendo mapas, manuseando a agenda, contando os dias, pois já íamos a 27 de Setembro.

A estação de Metz é um encanto. E aqui temos muito que admirar, nas horas que faltam, para me dirigir a Wasberg.

Só tinha autocarro lá para as 17,50 e por isso pude ver com certa calma, os pontos mais importantes da cidade.

A catedral é uma maravilha de arte. Vale a pena ficar por aqui longos momentos a ver, estudar, inquirir. Pensei numa igreja pobre, modesta, que tantos levantáramos e com tantas dificuldades, a nossa querida Igreja de Santa Rita, que ali me levara.

A catedral de Metz... e a minha igreja de Santa Rita. Que distância! Mas eu quero muito, muito mesmo, à nossa igreja de Santa Rita.

Procurei um barbeiro, já que tinha necessidade dos seus serviços.

Vocês não digam nada aos nossos amigos barbeiros, cá da nossa terra. Se eles o sabem... Pois eu fui preparar-me para a nova viagem, até aos lados da Alemanha.

O funcionário que me serviu era muito educado e, como todos os oficiais do seu ofício um bom conversador. Pareceram-me muito pouco os minutos que ali passei.

Pedi a conta e foi-me dito com a tradicional amabilidade francesa, que eram 400 francos, barba e cabelo. Com a lembrança do costume, uns trinta e dois escudos, apenas. Fui pagar ao respectivo «guichet», de que houve a competente factura. Ao lado, da sala para os homens, funcionava outra para Senhoras.

Procurei escovar-me melhor, eu que também fora escovado naquela barbearia, dei os últimos retoques na roupa e saí.

Pagamos muito, mas não acham que assim todos vivem melhor e há melhor nível de vida?

* * *

Quando se aproximavam as horas fui até junto do autocarro.

A vida do autocarro em França é muito variada.

Bastas vezes, um só funcionário, chega para o serviço duma camioneta. O motorista faz tudo. Guia o carro, dá os bilhetes e cobra o dinheiro. Neste caso, junto do volante e da sua cadeira, ele recebe os passageiros que entram pela frente, e regista simultaneamente em máquina contadora, o número de passageiros e o quantitativo recebido.

Noutras terras, são meninas que dão os bilhetes e o motorista vai sossegado ao volante. Em Paris, o funcionário que fornece os bilhetes tem uma cabine própria, fechada e contador mecânico e dali atende os seus clientes. Não pude verificar se era assim em todos.

* * *

Pois bem, o nosso carro vai fazendo os necessários preparativos, para sair.

Já nos encontrávamos todos instalados comodamente, quando o motorista nos alertou a todos, fazendo-nos sacudir um pouco, ao iniciar da viagem.

A saída, um espectáculo pouco edificante: certo bêbado deitado no chão resfolgava tranquilamente junto da estrada. Vi assim vários em França. E confesso que foi um espectáculo pouco edificante, numa nação que nos habituamos a amar desde pequeninos, dos bancos da escola. Sobretudo, do Seminário.

(Continua na 5.ª pág.)

Parada do Monte, 26

Queridos leitores, de «A Voz de Melgaço», peço desculpa, por me ter ausentado alguns meses de mandar as minhas correspondências para «A Voz de Melgaço», pois eu sei que já deviam ter estranhado a minha falta, mas há coisas na vida que assim lo permitem e portanto cá estou eu de novo a transmitir as notícias da nossa querida terra.

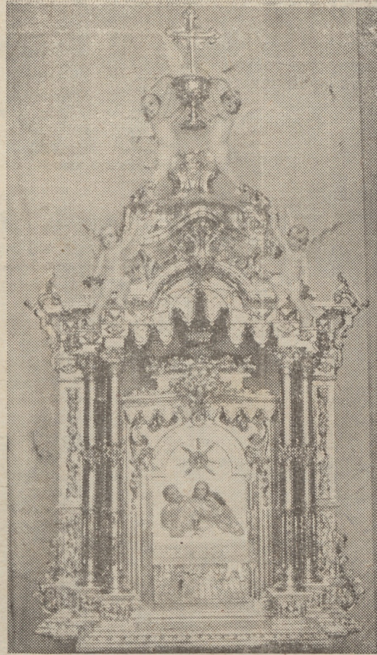
ESTRADA — OS trabalhos da estrada continuam, e oxalá que não parem, pois este ano já tem aberto um bom pedaço, e se não por se depressa chegarão a esta frequência. Mas o ano passado fizeram um quilómetro, e parou no mês de Agosto. Este ano principia no mês de Abril, e dizem que só fazem outro quilómetro. Assim teremos estrada para quatro anos. Pois de Pomares aqui à nossa freguesia são quatro quilómetros. Pena é que não siga empre até chegar aqui.

Para França tem pa tido muitos homens desta freguesia que vieram matar saudade da Pátria e da família, e agora regressam aquela terra hospitaleira, para algarriar o sustento para si, e para as suas famílias.

PROGRESSO — Esta freguesia vai em constante progresso de dia para dia! vêm-se fazer casas novas, outras reconstruídas, enfim os pedreiros não têm mãos a medir. Mas a quem agradecer tudo isto? A França. Se não fosse a França e os grandes esforços dos filhos desta terra, não seria nada.

MES DE MARIA — Vem-se realizando nesta freguesia o mês de Maria, com muita frequência de fiéis. Pois temos notado que a igreja já se encontra quase sempre cheia de fiéis. Não é de estranhar porque o nosso povo é profundamente católico.

O TEMPO E A AGRICULTURA — Após um mês de estiagem veio alguma chuva acompanhada de vento e granizo, que veio beneficiar a agricultura para nascerem os milhos. As terras quando se lavraram estavam secas e se não chovesse não nasciam os milhos. Mas o vento e o granizo já prejudicaram bastante a vinha, principalmente onde lhe acerta o vento. A nasçença foi boa, e o vinho por pipa, já deu alguma baixa. Agora se tiver boa purga será ainda um bom ano de vinho. Como diziam os nossos antepassados, Maio parido e S. João claro (E o Maio tem ido sempre parido. Só ontem dia 25 é que esteve um dia claro. Oxalá que o S. João seja claro, porque a chuva no S. João, tolhe o vinho e não dá pão. — C.



Novo sacário de Santa Rita

Por Santa Rita

(Continuação da página 3)

obras da basilica de Fátima. — Rapaz que fazes tu aqui? Resposta: — Eu? Eu faço a basilica de N. Senhora de Fátima.

Pois, meus amigos, vamos fazer esta obra. Ela será grande, se nós quisermos.

Até à festa, se Deus quiser!

E a todos os amigos, a todos os que tem estado conosco nesta dura batalha, com as suas orações, os seus dinheiros, as suas promessas, etc. a certeza de que a todos os lembramos, a todos (os amigos da França, do Canadá, do Brasil, etc., a todos) na novena e na festa. Que Santa Rita alcance de Deus para todos os nossos benfeitores e amigos, as melhores bênçãos e lhes faça render mil por um aquilo que deram para aqui.

Então até à festa!

Prado

(Continuação da página 3)

por ex., quem oferece uma vela do valor de 2\$50 os Mesários terão que cedê-la ao comércio por 2\$00; e, assim, num milheiro, há, portanto, 500\$00 de prejuizo. De resto, lá não faltam mortalhas de todas as cores, tamanhos e feitios, e velas de cera de todas as dimensões para alugar a todos que com estes ex-votos se queiram incorporar na procissão.

Experto crede Roberto — crede Roberto, que o sabe por experiência própria...

Ora, pois!...

Mário

Uma linda festa escolar — Com motivo na passagem do 5.º centenario do falecimento do Infante D. Henrique, a Ex.ma Sr.a D. Maria Fernanda da Veiga Pinto Coelho Durães, muito digna professora oficial da escola desta freguesia, em colaboração com a Ex.ma Sr.a D. Afra Augusta Gomes Pinheiro, inteligente regente da mesma escola, teve a feliz iniciativa de promover, no pretérito dia 20, naquela escola, uma linda e brilhante exposição de trabalhos manuais de todos os seus alunos e alunas, a qual foi aberta pelo nosso rev. Pároco, sr. P.e Justino Domingues, que ao fazê-lo não regateou elogios nem louvores àquela distinta Professora, por tão feliz como oportuna iniciativa.

Duma maneira geral, todos os trabalhos expostos, quer pela perfeição de uns, quer pela ingenuidade de outros, são interessantes, e alguns mereciam, até, uma pequena referência especial, o que me abstenho fazer para não ferir susceptibilidades.

A escola estava lindamente ornamentada, parecendo um

(Continua na 5.ª pág.)

Mais uma festa!

Este ano de 1960 fica assinalado por mais uma festa — a S. Rita. Não é ainda a inauguração das novas obras. Mas teremos o «Coro dos monges de Singeverga», que só por si, vale bem a nossa festa.

— A distância a que nos encontramos já das primeiras jornadas!

A uma capelinha modesta sucedeu uma igreja. A um altar pobríssimo sucedeu outro, em que o sacrário fino e rico, é o encanto dos devotos de S. Rita.

Surge agora a nova casa da Mesa. Logo, o terreiro e para o ano, se Deus quiser, as Casas dos Romeiros, os chamados «quarteis».

E estamos ansiosos por acabar estas obras, pois o «Lar de Santa Rita» para pobres, já tarda em aparecer. Abençoada seja esta boa gente de Melgaço!

Tudo se fez com ela. Tudo com ela se há-de fazer!

Vão crescendo também as dívidas e neste ano, em que gastamos um pouco mais de **duzentos contos**, há necessidade de pensar muitas vezes e a sério neste problema.

Mas nunca faltou aqui dinheiro para as obras de S. Rita.

Pensamos ir este ano a França, e levar aos nossos queridos conterrâneos um pedido de S. Rita.

Sim! Abençoada seja toda esta boa gente da nossa Terra.

P. e Carlos

Por Santa Rita, 25

Temos um grande desgosto: — não pudemos cobrir nem fechar as portas e janelas da casa da mesca.

Não foi possível. Bem tentamos junto das empresas fornecedoras, mas não nos chegaram a tempo os orçamentos, para seu estudo. E estas coisas, ainda que tenhamos imensa vontade de andar depressa, exigem a reflexão e a calma precisas. De maneira que temos o desgosto de não apresentarmos a obra como desejávamos.

Agora vem aí a festa. Em certos aspectos vai ser o melhor que por aqui se tem feito. Basta o coro dos monges de Singeverga, o primeiro do país no seu género para nos dizer o que vai ser o brilho religioso da festa. Uns 30 vozes! Este coro vale bem a festa.

Também reina grande animação entre os devotos de Santa Rita pelas inovações que se introduzem na novena. Sua Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Prímaz acaba de autorizar se celebre a santa missa, todos os dias, da parte de tarde. A santa missa e a comunhão da parte de tarde! — Que bonito! E como isto nos ajuda a fazer desta festa aquilo que Santa Rita quer: uma autêntica festa religiosa, para serviço e glória de Deus!

— Não queremos aqui mais nada.

Costuma o Senhor mandar-nos chuva nesse dia, mas, na sua infinita misericórdia, também costuma mandar-nos os donativos preciosos, para que as obras tenham mais um pouco de alívio. E nós só queremos a vontade de Deus.

Tem vindo mais donativos: E assim do sr. António Domingues, de Pousafoles, 50\$00; da sr.a Rosa Isaura Domingues, de Parada, uma freguesia que tanto nos tem ajudado, 30\$00; da sr.a Maria da Conceição Domingues, também de Parada, 2\$50; da sr.a Rosa Celeste Pereira, também de Parada, 2\$50 e com que gosto no-lo deram. Estas ofertas pequeninas, quantas vezes são mais avultadas que as nossas, daqueles que podemos mais! Que lições formosíssimas nestas pequenas grandes ofertas. Do sr. Modesto Augusto Pereira, Chateau, Verdun, 1.000 francos; do sr. Manuel Luís Domingues, do Faval, 20\$00; do sr. Constantino Pires, de Cavaleiro Alvo, mais 1.000 francos. Este lugar de Cavaleiro Alvo tem sido para nós, para estas obras de Santa Rita, desde a primeira hora, um grande lugar. E da sr.a D. Leonor Solheiro, mais 10\$, os quais vieram por intermédio do sr. P. e Justino, da vila.

Demos graças a Deus!

Estamos nas vésperas da festa e, por isso, não admira que as ofertas não sejam tão volumosas como desejamos.

Lá andam os nossos homens cheios de boa vontade, a encher o novo terreiro (quem o diria há uns cinco anos!) e esperamos que, pelo menos, metade esteja pronto para a festa.

Amigo leitor, prepara-te e vem. Trás a tua lembrança para esta obra.

Perguntaram um dia a um rapaz que trabalhava nas

(Continua na 4.ª página)

6 DE JUNHO

A

SANTA RITA

Coro dos Monges de Singeverga

Grandiosas festas de 29 de Maio a 6 de Junho.

Novena solene, cantada, pregação e Missa vespertina todos os dias às 19,30. De quarta a domingo pregará um monge do Mosteiro de Singeverga.



Coro de Monges de Singeverga, que vai actuar em S. Rita—Melgaço

Domingo, 5 — A Banda dos Bombeiros Voluntários de Melgaço dará entrada nos terreiros de S. Rita, às 8 horas da manhã.

Às 11 h., Missa solene e sermão.

Às 17 h., Missa vespertina, comunhão, procissão e leilões.

Segunda-feira 6, — O grande dia da festa. Actuará a Banda dos Bombeiros Voluntários de Melgaço.

Às 11 h., Missa solene, pelo «Coro dos Monges de Singeverga», tão apreciado em todo o País, na rádio e televisão, num total de 30 vozes.

De tarde — Leilões, distribuídos em 4 grupos, pelo espaço de 2 horas.

Alto-falantes da Cabine Sonora Melgacense

Prado, 25

FESTA DE SANTA RITA

E já no dia 6 do próximo mês de Junho que no aprasível, vistoso e pitoresco lugar de Vilela, da vizinha freguesia de Rouças, se há-de realizar mais uma festividade em honra da milagrosa Advogada dos impossíveis, Santa Rita de Cassia.

Como sempre, nesse dia quem quiser ver Prado... terá que subir àquele lindo miradouro, que aqui quase não fica ninguém. E este ano mais uma vez isso se há-de confirmar, pois lá subiremos todos para, a par da devoção à gloriosa Santa, fazermos provisão de oxigénio, saborearmos regaladamente as delícias do merendeiro e apreciarmos o progresso daquele grandioso Santuário.

Agora — e era aqui onde eu queria chegar — o que é preciso é que ao fim de comer não esqueçamos de dar muitas graças a S.ta Rita por Ela ter intercedido junto de Deus para que Ele nos concedesse o grande prazer temporal do agape devorado, e, já se vê, preciso é também que não esqueçamos de ir depor a seus pés a nossa oferta, que deve ser generosa tanto quanto o permitam as possibilidades de cada um. «Tá»?...

Já que cheguei aqui, aproveito a oportunidade para dizer a todos quantos tenham feito promessas de cera velada e mortaldas, que não levem nada disto, mas tão somente o seu valor em dinheiro.

E mais prático, menos trabalhoso e mais rendoso, já que,

(Continua na 4.ª página)

Rouças

Foi nomeada a Comissão das festas de Santa Mariana, que é constituída pelos nossos amigos, Srs. Agostinho Lourenço, dos Perzes, como Juiz e José Cardoso, da Aldeia, como Substituto. A Comissão, que goza na freguesia de muita simpatia, vai começar o pedidório e espera que a rapaziada que se encontra em França, honre a sua padroeira, pelo menos, tanto como os seus vizinhos de outras freguesias fazem com as festas da sua terra.

E nunca se ficou mal aqui, em Rouças.

As terras vão quase todas vinhadas. Mas o trabalho, com a ausência dos homens, em França, é muito.

Por terras de França

(Continuação da 4.ª página)

Quando cheguei a Wasberg, já escurecia bastante. Eu não tive medo. Mas lembrei-me bastante dos algerianos, tão bastos por todas as terras de França. E Wasberg era uma aldeia, como as nossas, mas com o seu café.

Sai e procurei notícias de portugueses por aqueles sítios. Nada. Ninguém conhecia por ali portugueses. Fiquei intrigado. Voltei a indagar. E nada. Ninguém conhecia portugueses por ali.

Fui ver a direcção do Armando. Mas era aquela. Procurei o café. Era uma senhora que atendia. Dentro, vários cavalheiros conversavam e quando perguntei à Senhora se conhecia por ali alguns portugueses, não se impressionaram muito. Eu estranhei. A senhora retirou-se. Veio depois, quando na minha mesa, eu procurava àquela hora, já era noite, uma solução para encontrar portugueses, de que ninguém falava por ali.

Notei frieza em volta de mim. Eu é que tinha um problema a resolver e muito grave:

Ou voltar para Metz, mas só de carro ou ficar ali naquela aldeia. Ai! os algerianos que confundiu os pobres homens me faziam. A Senhora voltou, um pouco mais delicada (eu soube depois que aquela frieza toda da flustre senhora e dos seus clientes, era o meu fato de sacerdote português, que para muitos me identificava com um padre protestante. Eu fui tido ali, naquela casa, e numa terra muito católica, recebido como um padre protestante.

Que não havia pensão. E onde fica a casa do Sr. Abade? — Foi-me dito era ali perto. E fui procurar o Sr. Abade. Ai! o Sr. Abade, a que me pregou. Mas não o digam a ninguém.

Quando cheguei à sua porta, noite alta, vinha ele da igreja, para a sua casa.

Disse-lhe: — sou padre português e pedia a V. Rev. ma — indicasse uma pensão por aqui perto, onde pudesse ficar. Era ele alto, de bom físico, robusto, mas de poucas falas.

Parece que o senti estremecer, quando lhe pedi me dissesse onde havia por ali uma pensão. Eu não queria que pensasse que procurava a sua casa, para efeitos de menos dispêndios gastos. Não.

Hierático, sacudido, de rosto sério, (havia ali uma lâmpada perto) diz-me: entre.

Entre. Mas eu na minha casa, a um colega, não fazia assim.

— Entre. Abriu outra porta, que ligava para o escritório e com a mesma cara de poucos amigos, disse-me: sente-se. Sentamo-nos.

Uma coisa: — que anda o Senhor por aqui a fazer? Onde vem? Para onde vai?

(Ai! aquele meu impagável colega...)

Eu que já suspeitava do que poderia vir, fui logo puxando dos meus documentos eclesiásticos, da Cúria Arquidiocesana, e fui dizendo, entre delicado e um pouco firme: — sou padre católico português, aqui trago os documentos do meu Ex.mo Prelado, venho visitar os meus conterrâneos e muito em breve regressarei a Portugal.

Ah! o Senhor é de Portugal? Fale-me de Nossa Senhora de Fátima. Minha irmã, que vive aqui comigo, já foi a Fátima.

Não! O Senhor não vai para pensões. Fica na minha casa. O resto fica para depois. Mas também aquele meu impagável colega me tomou por padre protestante. E paguei-as bem caro.

Até à próxima, se Deus quiser.

Paderne, 10

Benvindos — Do Brasil, acompanhado de sua estremosa esposa Senhora D. Amélia e de seu prendado filhinho Ricardo, chegou no passado dia 6, a casa de seus pais no lugar de Estivadas, desta freguesia de Paderne o Ex.mo Senhor Manuel Rodrigues, benquista comerciante na grande cidade de São Paulo.

Devotos como são de Nossa Senhora, ofereceram para ser venerada na Capela de São José a histórica Imagem da Padroeira do Brasil — Nossa Senhora da Aparecida. Não esqueceram também a Igreja Paroquial oferecendo um novo manto a Nossa Senhora do Rosário.

Haverá este verão, em dia a designar, festa em honra de Nossa Senhora da Aparecida, com o brilhantismo que o Senhor Rodrigues e todos nós queremos que tenha.

Que tenham uma feliz estadia, na companhia de seus pais e de seus amigos são os nossos votos.

POR PADERNE

(Atrasada na Redacção)

MES DE MARIA — Principiou no dia 11 este tão bello acto o qual tem sido muito frequentado por grande número de fiéis.

CASAMENTO — No nosso velhinho convento realizou-se o da prandeia Alexandrina da Glória Braz, filha amantíssima do nosso distinguido amigo sr. Carlos Braz, muito digno guarda fiscal no posto de Pen-o, com o sr. Virgílio Dias Gonçalves de Vant do Castelo. Finda a cerimónia religiosa, foi servido em casa do país da noiva, um luto almoço ao que assistiram muitos convidados. Aos noivos que usão do ta de sentimentos religiosos, desejamos lhe um lar muito próspero e feliz.

FALECIMENTOS — Após prolongado sofrimento faleceu no passado dia 27 do mês passado e na sua residência do Celheiro o Ex.mo Sr. António Manuel Gonçalves, proprietário nesta freguesia e prabo armazénista em Lisboa.

— Também no dia 10 do corrente faleceu no lugar do Palmeiro, o Sr. João Manuel Rodrigues. Os seus funerais realizados nos dias seguintes foram muito concorridos, nele se encorporando muitas pessoas de ambas as camadas sociais.

Paz às suas almas e às famílias entitadas o nosso cartão de senti os pêsames.

ROUÇAS, 25

Encontro-se um pouco mal de saúde o nosso amigo, Sr. Augusto Gonçalves, de Corçães, que já está melhor.

— Também já reg e sou do Porto para onde tinha ido à procura da saúde, a Sara Teresa Rodrigues de Sarribas, que se encontra bastante mal de saúde.

— Do sábado para domingo, encontro-se muito mal de saúde, estando agora em franca convalescença, a Sra. Filomena Rodrigues, do Porto. A todos desejamos prontas melhoras.

— Quando, há dias, se dirigiam para França foram presos em Espanha alguns rapazes desta freguesia, iam ganhar a sua vida, mas infelizmente sem a documentação legal. Bon era se achasse uma solução mais pronta para estes casos. Na sua grã de totalidade, trata-se de gente séria, honesta e trabalhadora que vai à procura de trabalho, já que aqui não o tem em tão boas condições. E a cadeia à sua saída.

Pois um deles é a quarta vez que é preso.

— Fala-se agora muito de um suposto caso, aqui para os lados do Porto. Estas coisas fazem muita pena e dizem mal das nossas convicções religiosas. E do respeito para com os mortos. Pouco cabeçinhas...

Prado

(Continuação da 4.ª página)

pequeno jardim, tal era a cópia de flores que se viam por toda a parte; e, porque a mesma, da parte da tarde, ficou patente ao publico, foi muito visitada.

Estão pois, credoras de parabéns as Sras. Prof.ª D. Maria Fernanda da Veiga Pinto Coelho Durães e a Regente D. Afra Augusta Gomes Pinheiro.

Foi a Lisboa, donde já regressou, a menina Augusta Barreiros, de Santo Amaro.

— Chegada de Inglaterra, está em Santo Amaro a menina Leonor Barreiros, irmã da precedente.

— Com sua esposa foi a Barcelos, à festa das Cruzes, e não a Lisboa, como por deficiente informação noticiei em minha última carta, o nosso estimado amigo e assinante sr. Manuel José Gomes de Sousa, digno cabo da Armada. Que me desculpe o lapso havido.

— No passado dia 15, o nosso amigo, hábil e grande entusiasta da pesca à linha, sr. Justiniano Gonçalves Ribeiro foi praticar este salutar desporto a Tibó, e a verdade é que não perdeu seu tempo, pois regressou com 32 belas trutas pescadas por si e mais 23 que um seu amigo lhe ofereceu, o que constituiu notável proeza, é certo, mas não tão grande como a que o mesmo desportista, numa só tarde do ano transacto, cometeu em Lamas de Mouro, onde pescou nada menos de 83 daqueles saborosos e apreciadíssimos (subgénero) salmonídeos.

Parabéns!...

— E, por hoje, mais lhes não diz o — (C).

DA VILA

(Continuação da página 2)

ricórdia pelo sr. dr. Manuel Joaquim Gonçalves Ribeiro.

Este caso é realmente lamentável; porém é preciso que todos se convengam que aquela Guarda está paga pelo Governo da Nação para cumprir e fazer cumprir a Lei. Quer isto dizer: há que obedecer-lhe...

Futebol — No passado dia 15, realizou-se, no campo do Monte de Prado, um desafio amigável entre «Os Primaveras» de Fânzeres, Gondomar, e o «Sport Clube Melgacense» tendo saído vencedor aquele por 3-2.

Falecimento — Na sua casa da Portela, da visinha freguesia de Chaviães, faleceu, repentinamente, em 22 do corrente, o nosso velho amigo e conceituado comerciante sr. Alvaro Gomes, filho do conhecido Mestre pintor sr. Justino José Gomes e de D. Constança da Conceição Afonso Gomes, natural da freguesia de São Paio, onde nasceu em 1902. A sua morte, por inesperada, causou profunda consternação e deixou amarfanhados na mais pungente dor sua esposa sra. D. Ermezinda Augusta Durães Gomes, com quem havia casado, em Chaviães, em 19-5-1926, e seus filhos srs. Amadeu Augusto e Henrique Alberto Gomes, aos quais, bem como à demais família entulada, apresentamos sentidos pêsames.

Festas do Concelho — No momento em que escrevemos, estão a decorrer nesta Vila as tradicionais festas em honra da Ascensão do Senhor e de Santa Maria da Orada, que simultaneamente são também Festas do Concelho.

Desta vez são mais brilhantes do que qualquer outra realizada nestes últimos quarenta anos, mas não tanto como deviam ser, o que aliás era do inteiro desejo da respectiva Comissão, que não poupou esforços e empregou toda a boa vontade para que o êxito das mesmas festas fosse completo — mas porque o dinheiro continua a andar pela hora da morte...

Ontem teve lugar a feira franca e, à noite, realizou-se a costumada procissão luminosa para acompanhar a veneranda imagem da Senhora da Orada da sua capela para a igreja matriz, que foi concorridíssima e abrilhantada pela nossa Banda.

O mercado que amanhã se havia de realizar foi transferido para o dia seguinte, sábado.

Na próxima carta, se o entendermos, diremos mais alguma coisa sobre estas festas.

O tempo e a agricultura — De 11 a 15 choveu moderada e oportunamente, apresentando-se agora o tempo de cariz afiado.

— Agora, aos interessados, lembramos que em Junho podem semear: — agriões, alfaces, betarraba para salada, cenouras, chicória, couves diversas (especialmente bróculos) ervilhas (*) feijões (*), mostarda, nabos (fim do mês (*)), rabanetes (*), salsa, etc.

— Nas terras de lima, ainda se podem plantar batatas.

— Sulfatagens, enxofrações, sachas, mondas e regas frequentes.

— Capar os melões, ceifar os ceiteios, e semear as terras de lameiro e pragana.

— Vigiem-se as colmeias e recolham-se os enxames novos, (*) — Onde não falte água para rega.

Dia de S. Barnabé (11) seca a palha pelo pé

Remando contra a Maré

por L. Janeca

Estamos chegados à maré alta do materialismo que Brounoux classificou de estúpido.

Faz mais mal à Igreja este materialismo prático dos tempos modernos do que todas as perseguições, por mais violentas que fossem.

No tempo das perseguições sempre se delineavam dois campos opostos e os indiferentes podiam ver claramente a virtude e a santidade de uns e a maldade de outros.

Mesmo hoje, nos países onde se persegue a Igreja, esta distincção mantém-se.

Nos países que se dizem pertencer ao mundo livre já se não verifica tão claramente esta distincção. Precisamente porque há liberdade—dessa liberdade espúria que é filha do liberalismo—os partidos aumentam, as doutrinas proliferam, as ideias confundem-se e os métodos de difusão multiplicam-se.

Há, assim, uma simbiose de mixórdias políticas, económicas, sociais e religiosas de que resulta o organismo forte do comunismo. Este ser estranho, nascido e criado no mundo livre, difere, apenas, do seu irmão russo, na cor. De resto é igual.

A mesma lenga-lenga racial, o mesmo fenómeno político, a mesma questão social. Fala-se de divórcio, de amor livre, de sensualismo freudiano; propala-se a salvação do proletariado, recorrendo a sistemas e métodos falazes; há a pretensão de submeter tudo ao domínio do Estado, fazendo seccar todos os rebentes da iniciativa individual ou colectiva.

Sabemos que há uma **Carta Magna** dos trabalhadores e que nos basta lançar mão desse documento para resolver todas as questões sociais. E mal vai o mundo livre se, na luta contra o comunismo, não pautar as reformas e as instituições por esta **Carta**. Todo o mundo vive obcecado pela era do social.

Os problemas sociais, apresentam-se-nos com uma agudeza estonteante e ainda que não queiramos, eles penetram-nos até à medula, exigindo uma solução certa e adequada.

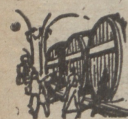
Se não quisermos aplicar os ensinamentos da Igreja na solução dos problemas sociais, teremos de ir para o socialismo extremista de K. Marx ou encafuarmos-nos no liberalismo roncoiro de *laissez faire, laissez passer*.

A Igreja—Corpo Místico de Cristo—é a chave de todas as questões que sobrecarregam a humanidade. Não quer dizer que a Igreja imponha qualquer sistema político ou social na solução dessas questões. Simplesmente Ela tem uma doutrina e ensina a vivê-la.

E nesta harmonia entre a doutrina e a vida que Ela exige do homem concentra-se toda a harmonia do universo. Um credo vivido é um credo que se canta, como disse Errost Hello.

Numa vida verdadeiramente cristã não há tristeza, egoísmo, ambição—três males endémicos da sociedade moderna.

O mundo livre tem que deixar cair dos olhos as escamas do ressentimento, e do preconceito; pautar a vida e as instituições pelos princípios cristãos; banir das escolas o materialismo, seja ele de que natureza for; reprimir tudo que vá contra os bons costumes e a sã moral; estudar melhor a solução cristã do problema social; introduzir novamente na floresta invia das Nações Unidas a imagem de Cristo Crucificado, a ver se a convicção de Fulton J. Sheen de que a Rússia se converterá primeiro que o Ocidente, não tem razão de ser.



PRODUTOS PARA VINHOS
APARELHOS PARA ANÁLISES
MÁQUINAS PARA ADEGA
TESOURAS DE PODA «PRADINES»
Sociedade de Representações Guapeimar, L. da

Rua de Rodrigues Sampaio, 153—1.º—PORTO
Telef. 28093

Teleg. Guapeimar

Penso, 27

Está a findar o mês de Maio e de luta do incansável lavrador que, tanto se esmera para angariar o sustento para si e para os filhinhos. E' de dia e de noite para adquirir o fruto do seu trabalho.

Em Março e Abril muito choeu: as terras ficaram cheias de água, as corgas com muita abundância do mesmo. Deus mandou forte vento do norte, e as terras ficaram secas, como se diz: como um pai. Foi forçado o lavrador regar os campos para o nascimento dos milhos.

Vinho nasceu muito. Vamos ver daqui a 29 de Setembro próximo o que dei nas minhas notícias no quinzenário «A Voz de Melgaço», que muito me apraz dá-las.

Estamos sem regedor e é necessário termos esta autoridade e para impor respeito.

Precisa-se de gente para trabalhar no campo, mas andar pelo calor ardente custa. Por isso despreza-se pelo presente a causa. Lembrem-se todos que a terra tudo dá e por esta razão trabalhemos com fé porque se a gente se esquecer dela não comemos e andamos sem camisa. Coragem! Nada de esmorecimentos.

Está para breve o casamento do Senhor Manuel Avelino Rodrigues com a minha Maria Elvira Rodrigues.

O tempo corre com muito calor. Precisa-se dum chuvinha. — C.

Lanches 3 Jardins

Restaurante,

Pizza,

Aperitivos,

Lanches,

Sorvetes, etc.

Bebidas Nacionais
e Estrangeiras

**Fernando, Andrade
& Rodrigues**

RUA AUGUSTA N.º 2.849

SÃO PAU. O

Continuemos

(Continuação da 1.ª página)

— porque infelizmente há alguns vendidos ao Diabo — de abordar assuntos que ao seu canto digam respeito, esquecendo assim a sua teoria de inexistência de barreiras, negando a tal «liberdade», aos outros...

Enfim, rodam os anos e cada um que passa é mais a aproximação do fim; um voto se formula e cremos que nele comungará toda esta família que vem vivendo, quinquena a quinquena, os problemas do concelho: — que Deus nos continue a iluminar o bom caminho que vimos trilhando pois, até ao momento, nada houve que nos provasse que assim não tem sido; que nos dê forças para continuar o combate e nos esclareça a linguagem escrita para que a mesma todos a compreendam, o que se pretende e o que possa haver para além duma barreira de pessoalismo, de interesses, de vaidades e até dum sentido intocável, aquele mesmo que se dá na terra do senhor pandita, dos adoradores das vacas, que também por cá existem... Vacas gordas, que tenham senhoria que valha a pena, que «deixam»... Nós, somos pobres infantes, peonagem que se bate, mas que não recua, que não diz e desdiz, que não é hoje duma cor para amanhã mudar, como qualquer camalhão.

Ao volver de mais um ano, Melgaço pode contar connosco! A energia é a mesma da primeira hora e que os novos nos acompanhem, certos que, não seremos demais para levantar e erguer o nome da terra que a uns serviu de berço, a outros de lenitivo para a saude, a outros até de filão.

Conte Melgaço e conte a Nação!
Continuaremos...

Dr. Abel Varela e Seixas

Castro Laboreiro

Foi esta terra de gente tão pacata, sacudida por uma terrível notícia—um trabalhador vítima de violentas punhaladas, chegou ao nosso hospital às primeiras horas do passado dia 29, em estado gravíssimo, para receber tratamento.

A G. N. R. tem desenvolvido um apertado serviço de pesquisa dos infelizes autores que, parece, se evadiram desta terra constando serem de Couira.

E Melgaço uma terra de tradições honradas, em que o espírito de sã convivência sobressai nos seus costumes.

Repugna-nos um crime destes, perpetrado na nossa terra.

Belezas da da nossa terra

(Continuação da 1.ª página)

A propósito, vou narrar um facto que fundo calou no meu orgulho de melgacense.

Há uns bons dezoito anos. A estrada não chegava ainda a Castro Laboreiro. O Sr. Dr. Joaquim Fronteira, de Lisboa, pretendia um cicrone para a visita a velhos monumentos da nossa terra. Alguém se lembrou da minha pessoa. O Sr. Dr. Fronteira tinha em vista conhecer as ruínas do mosteiro de Fiães e do Castelo de Castro Laboreiro. Subimos da vila a Fiães e fizemos a travessia pela serra em direcção a Alcobaca. O Sr. Dr. Fronteira e esposa foram a cavallo. «Eu, nos meus trinta anos, fiz a viagem a pé sem dificuldade.

Ao atravessar o Outeiro da Loba recordei os meus tempos de escola primária passados na Aedela. Assim ia meditando, quando surpreendi a Sra D. Hilda Fronteira a dizer para o marido: **Vai a gente à Suíça e outras terras estrangeiras admirar panoramas, quando afinal os temos por aqui que rivalizam com os melhores de outras nações.**

Senti-me inchado, como diz o nosso povo, ao ouvir esta referência aos panoramas das nossas terras.

Hoje em dia que se rasgam estradas por toda a parte, melhor se podem visitar os recantos da nossa terra.

Os seus monumentos tanto e tanto tenho falado, embora haja ainda muito a dizer.

O povo da nossa terra é trabalhador e empreendedor na luta pela vida.

Os nossos emigrantes sempre foram preferidos em toda a parte pelo seu afino ao trabalho.

O presunto de Melgaço tem fama, e pena é que passe com esse reclame presunto que de Melgaço apenas tem o nome.

Os cães de Castro Laboreiro têm sido premiados em diversos concursos.

Nas artes e nas letras também Melgaço tem visto seus filhos a fazer figura.

Melgaço é terra que merece a nossa consideração. Por ter a nossa terra, todos devemos trabalhar pelo seu progresso e pelo seu bom nome.

P. e M. A. Bernardo Pintor

a VOZ de MELGAÇO

Director e Administrador:
JÚLIO HILÁRIO VAZ

Quinzenário católico e regionalista

Redacção e Administração, interinas - Residência Paroquial - Melgaço
Propriedade impressão da «Empresa do Diário do Minho, Limitada» - Braga
AVENÇA

Chefe da Redacção e Editor:
CARLOS ANTÓNIO VAZ

CUSTO DA ASSINATURA ANUAL: 20\$00
ANO - XIV

Melgaço, 15 de Junho de 1960

N.º 211

Por terras de França

Guardo ainda hoje uma funda recordação deste meu colega de Wasberg. Não nos entendemos lá muito bem a princípio. Foi duro comigo, enquanto se não conveneu de que eu não era pastor protestante.

—Como gostei depois deste meu querido Amigo... Conversamos muito, pela noite adentro. Enquanto sua irmã e sua Mãe, a quem me apresentou, faziam a ceia, levou-me, no seu carro, a procurar um mestre de obras, seu paroquiano, a ver se me dava razão de rapazes destes sítios. O que eu queria encontrar, era o Armando. Que trabalho me deu o Armando para o desencantar, lá junto da fronteira da Alemanha...

Conversamos muito. A vida religiosa naquela terra, a vida política, social, cultural, etc.

Sobre a vida religiosa ia eu ter, no dia seguinte, uma agradabilíssima prova.

Sobre a vida política, conquanto estivéssemos numa zona industrial, o comunismo não tinha força quase alguma e pelo contrário, havia até ali uma grande preponderância dos crentes e dos católicos do M.R.P.

No entanto, fazia-se por aqueles lados também intensa propaganda contra a luta de África. E dizia-se: foram milhões os que votaram pelo fim da guerra. Acabai com ela!

Não admira: — os comunistas que são os déspotas de milhões de seres humanos (na Hungria, rapazes de 15 anos que se revoltaram contra a ocupação estrangeira, esperam nas cadeias pela idade necessária, a fim de serem executados...) os comunistas são sempre os mesmos em toda a parte.

Já fazia frio. Fui deitar-me. E pelas seis da manhã, fui acordado e pude então assistir, na igreja paroquial, a um dos actos que mais me impressionaram em toda a França: a missa e officios, por alma de um paroquiano daquela freguesia.

No altar, seis meninos com o seu pároco, e, no coro, ao órgão, o Sr. Professor da freguesia, com um grupo coral da terra, bem nutrido de vozes, afinadíssimo. Não lhes digo nada.

Que bem que todos cantavam... Os meninos, o coro, tudo em puro gregoriano, com um respeito e uma convicção admiráveis.

Aprende-se muito na França. Após o ofertório da santa missa, todos os fiéis se aproximaram do altar, onde beijaram uma relíquia de algum Santo apresentada pelo pároco e ofereciam as suas dádivas ao ajudante. Todos por ali passaram um a um.

Sim, aqui trabalha-se muito e bem. Mas ficou-me uma grande impressão como se pode imaginar. Cantar-se em puro gregoriano e com um sabor tão perfeito, ali, naquela igreja, e depois, numa harmonia de esforços, o pároco, o Sr. Professor e a comunidade religiosa da paróquia... era realmente um quadro bonito.

Fomos depois almoçar e prepararmo-nos para sair. Há por aqueles sítios grandes florestas, não sei se a mesma má vontade que há por aqui. Mas grandes florestas, cheias de vigor, a atestar uma preciosa saúde vegetal.

Pois o nosso carro, quero dizer o do meu querido abade, corria vertiginosamente por aqueles sítios.

Idamos à procura do Armando. Fomos a uma escola nova (eu tinha-me enganado afinal com a direcção do Armando) bem feita, (já ali andara a mão do nosso Armando, e entramos. Dentro, um crucifixo, no lugar de honra, como convém Aquele que é o centro de toda a

(Continua na 3.ª página)

Carteira

Acompanhado de sua gentil Esposa, chegou a Golães, o nosso querido Amigo, Senhor Joaquim Domingues, que à sua terra (vem descansar um pouco.

Folgamos vê-lo remooado da sua enfermidade, (que lá todos nos preocupou bastante, pois o Sr. Joaquim e sua Ex.ma Família são por todos muito estimados.

Também ao «Lar da Saudade» em Chaviães, acaba de chegar o Sr. Senhor Amadeu Abílio Lopes, acompanhado de Sua Ex.ma Esposa, que mais uma vez vem descansar à sua terra que adoram.

Todo Melgaço teve a festa Família muita estima e veneração, pelo que aqui levam feito.

Melgaço não pode esquecer o seu carinho por alguns das suas obras de maior valor.

Saudamos os nossos Ilustres hóspedes e fazemos ardentemente votos por que fiquem connosco durante muito tempo.

«A Voz de Melgaço»

Enviou-nos cumprimentos pelo nosso aniversário o Sr. Secretário Nacional da Informação. Graças.

Boa Imprensa

Em 26 do corrente mês realiza-se a colecta para a Boa Imprensa.

O Venerando Episcopado determinou que a colecta deste ano fosse enviada ao diário católico nacional «Novidades».

Que os nossos católicos saibam corresponder aos desejos da nossa veneranda episcopado.

AVISO

PROVIMENTO DE LUGARES DE REGENTES DE POSTOS ESCOLARES

Concelho de Monção—Coito (Pereiras) Ceivães.

Concelho de Ponte da Barca — Igreja, Lavradias.

Concelho de Ponte do Lima — Ermil (Sandiães).

A festa de Santa Rita

35.000\$00 de ofertas...

Quase todo o clero do concelho...
O coro de Singeverga...
Três leilões simultâneos...
Muito oiro... Muita carne...
Um toiro, vindo de Alcobaca...
Milhares de romeiros...
Uma procissão, como nunca...
Tudo o concelho... De Viana e de Espanha...
De joelhos, caminho acima!...

Louvado seja Deus! Sente-se aqui a Sua mão. A Sua ajuda. A Sua graça!

Quem se recorda dos princípios de tudo isto e vê a que aqui se passa agora, não pode deixar de levantar as suas mãos a Deus e louvá-LO por tudo quanto nos tem feito.

Vai por 16 anos... Os membros da Comissão que fazia as festas, tinha muito trabalho. Devia percorrer a freguesia de ponta a ponta, pedir as ofertas, que os vizinhos lhes pudessem dar... e preparar-se para o que desse e viesse. E quantas vezes era preciso ir ao bolso, para custear o que se não pôde conseguir para a ajuda das festas.

Pois este ano, tivemos 35.000\$00, de ofertas e um lindo dia de sol. Um sol que nos veio mesmo a propósito.

A novena esteve muito concorrida. Houve quem a fizesse a pão e água. Sei duma senhora que durante o dia, cavava a terra de milho, só se alimentava a pão e água e à tarde, depois dum dia de trabalho, lá partia para a igreja, extenuada, muida de trabalho.

E vimos gente de Parada, do Rio, de Paderne, exactamente a pão e água, e todos presentes às devoções, à novena. Para o ano já teremos lá «Casa dos romeiros».

Foi na verdade, uma grande novena. Muita gente, muitos romeiros e de muito longe e sobretudo muita fé.

Houve sempre muitas comunhões e no fim, no dia seis, para cima de 200. Para outros centros, será um pusillus grex; para aqui, é muito.

Deus seja por tudo louvado.

O clero da nossa terra a quem se deve tanto do que aqui se tem feito, não nos faltou, e trouxe-nos, com a sua palavra de entusiasmo, a sua oferta, não consentindo que se lhes pagasse a despesa de viagem, já que alguns vieram de muito longe, da Gave, de Parada, etc.

Só faltaram aqueles que, uma vez mais, tiveram de partir para a Peneda, onde a falta de sacerdotes e só isto, no-los levou.

De Singeverga, do seu mosteiro, veio-nos o Senhor Padre pregador, e o coro de meninos, que tanto nos agradou e a todo o povo. 24 vozes, que pareciam vozes de anjos, puras, lindas...

A santa missa foi campal e o povo que enchia os arredores, portou-se à altura, com uma devoção e compostura que a todos edificou, até mesmo ao Sr. Padre alemão que ali estava connosco.

As ofertas a Santa Rita foram muitas. Desde um lindo bezerrinho que nos veio de Alcobaca, até ao oiro, brincos, sobretudo, brincos, relógios de pulso, carnes, etc. etc... E foram tantas as ofertas, que foi necessário que três homens simultaneamente leiloassem e durante umas iduas horas.

Foi pena que um grande amigo nosso e deste mosteiro, não pudesse chegar a tempo. Ele que nunca faltou, que nunca faltará...

Mas uma das notas mais comovedoras deu-no-la o nosso querido Mário, de Prado.

(Continua na 3.ª página)

Da Vila

Junho, 11.

ECCE ITERUM CRISPINUS...

Principalmente nos momentos de ócio, não raras vezes nos surpreendemos a magiar sobre como seriam o aspecto da nossa Vila e os usos e costumes dos seus moradores, no tocante a higiene e limpeza, há cem anos passados. Mas não há dúvida que, a julgar por vários passos do velho Código de Posturas, elaborado em 1887, aquele devia ter seu quê de pitoresco e estes um tanto ou quanto de patusco e caricato. E senão vejamos o teor da seguinte postura:

«ART.º 4.º Não é permitido ás regateiras e vendedores de generos de consumo ou a quaesquer outras pessoas catarem-se e pentarem-se em publico ou junto dos bancos e logares onde os generos estiverem expostos à venda. A transgressão d'este artigo será punida com a multa de quinhentos reis».

Claro que se houve necessidade de legislar semelhante postura foi porque as nossas avós, accoradas nos lugares públicos, para aí exporem à venda seus produtos, enquanto a clientela não chegava... para não perderem tempo, entretinham-se, mutuamente, a catar o piolhinho...

Quanto ao asseio e à limpeza das ruas da Vila, também o caso havia de ser verdadeiramente shocking, a pontos de o transeunte muitas vezes se ver obrigado a atravessar o burgo com suas narinas entaladas entre o polegar e o indicador, o que aliás acontece ainda hoje a quem queira atravessar aquela canaja da Calçada à Fonte da Vila...

Então não havia varredor municipal, e muito embora o mesmo Código rezasse:

«ART.º 33.º Todos os moradores d'esta villa são obrigados a varrer as testadas das suas casas em todos os domingos e dias santificados até às nove horas da manhã, e nos dias em que for ordenado pela camara, em quanto esta o não mandar fazer por conta própria, ou por arrematação, sob pena de quinhentos reis de multa e de se fazer a limpeza à custa do infractor».

Isto, porém, havia de ser uma fonte perene de sarilhos e desavenças entre os vizinhos no respeitante à área que a cada qual, no seu entender, pertencia ou não limpar. E é também de presumir que os mesmos vizinhos empurrassem a varredura para a «área de ninguém», onde um pé de vento ou um bando de galinhas se encarregaria de repor tudo no primitivo lugar...

Enfim, outros tempos, outra gente e por consequentemente também outros usos e costumes.

Felizmente que agora no tocante ao primeiro senão apontado este há muito que desapareceu, e quanto ao segundo... com mais um toquezinho de vassoura dado pelo respectivo funcionário, também não haverá grandes objecções a fazer...

CRISPINO

Pró nova Ambulância—Damos hoje a primeira lista de donativos já entregues à respectiva Comissão angariadora de fundos para a aquisição da nova ambulância do Hospital da Misericórdia, que segue:

Do sr. Alípio Gonçalves, de Prado, 5.000\$00; da sra. D. Elvira de Araújo, de S. Gregório, 1.000\$00; do sr. Comendador Nogueira da Silva, de Braga, 1.000\$00; do sr. Manuel Lourenço Loureiro, de Rouças, actualmente no Pará, Brasil, 2.000\$00; do sr. P. E. Justino Domingues, 500\$00; e de outro generoso Sacerdote que nos proibiu de revelar o seu nome, com o que muito nos contrariou, 500\$00. Portanto, a transportar, 10.000\$00.

E há mais, graças a Deus, mas esperamos que a Ex.ma Comissão nos remeta a respectiva relação para a publicarmos na próxima carta. Até lá, porém, ó Melgacenses! vinde todos depositar vossa oferta no Banco da Caridade!...

Espectáculos—Na segunda quinzena do corrente mês, o «Cine Pelicano» exhibe:

Dia 19, à tarde e à noite—A Rapariga do Kremlin, com Zaa Zaa Gabor e Lex Barker. (O caso da morte de Staline aproveitado num filme cheio de interesse e emoção).

Dia 20, à tarde e à noite—A lei da Violência, filme inglês em esturancolor com Peter Finch e Ronald Lewis. (Não há outro lugar na terra onde a palavra violência tenha um significado tão duro).

Mercado semanal—No mercado que hoje se realizou nesta Vila os géneros tiveram a seguinte cotação:

Milho 8\$50, o meio decalitre; centeio 12\$00, idem; feijão amarelo desde 13\$00, idem; batatas 1\$30, o quilo; cebolas 2\$50, idem; galos, galinhas e frangos, desde 30, 25 e 15\$00, cada, respectivamente; ovos a 4\$00, a dúzia, e sardinhas 4\$80, idem.

Snr. LAYRADOR a sua TERRA pode ser mais produtiva!

Se utilizar nas suas regas os grupos equipados com os iamosos

MOTORES

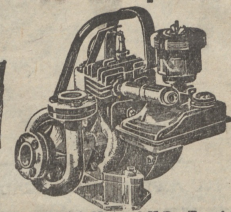


Empregados em Portugal há mais de 25 anos, os motores Briggs & Stratton são os preferidos em todo o mundo para trabalhos agrícolas e industriais. Apoiados por um serviço completo de assistência técnica.

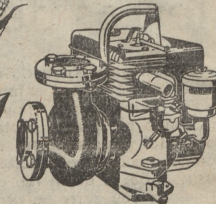
MODERNOS · RESISTENTES · ECONÓMICOS

POTÊNCIAS DE 1 a 9 H. P.

CONSULTE:



Grupo 1 1/2, Motor 2 H.P. - Esc. 1.950\$00



Grupo 2, motor 2 1/2 H.P. - Esc. 2.100\$00

Electronia Lda R. Industriaria 71 tel. 25800 - PORTO

Na nossa última carta, por deficiente informação, dissemos que o mercado de 27 do mês findo havia sido transferido para o dia seguinte, o que não foi tal. Que se nos desculpe.

Festas do conelho—Em complemento à notícia que sobre estas festas demos em a nossa última carta, queremos dizer hoje que a actuação da B. V. deste conelho, que, conjuntamente com a Banda de Ponte de Lima, abrilhantou as mesmas festas, foi uma verdadeira revelação, pois ninguém contava que depois de tão longa interrupção ela tivesse atingido o alto nível artístico com que se apresentou.

Realmente, a Nossa Banda continua a ser uma glória conchelia, e esta é opinião de toda a gente. Mal andarão, portanto, as comissões que a não contratem para as suas festas, e pior andarão os que contribuam com donativos para festas que não sejam abrilhantadas pela laureada Banda dos B. V. de Melgaço.

Pró novo Hospital—Acompanhado da respectiva equippe de técnicos, esteve, há dias, entre nós S. Ex.cia o Senhor Director das novas instalações hospitalares, a fim de escolher o local para a construção do novo Hospital deste conelho, e bem assim para tratar outros problemas ao mesmo atinentes.

Podemos já garantir que tudo ficou resolvido pelo melhor, e podemos garantir também que a construção do novo Hospital, tantas vezes por nós aqui debatida, não é nenhum balão de ensaio, mas assunto muito sério, pouco devendo viver quem o não vir tornado numa grande realidade.

Aguardemos, pois.

Exposição Henriquina—Integrada no ciclo das Comemorações Henriquinas, realizou-se, ontem, na escola masculina desta Vila, uma interessante exposição de trabalhos escolares executados pelos alunos das várias escolas conchelias, a maior parte inspirados em motivos náuticos e na epopeia dos Descobrimentos, trabalhos que foram muito apreciados.

Da parte de tarde, junto à velha Torre de Menagem do Castelo, o sr. prof. Romano Lobato fez uma brilhante alocação de exaltação patriótica sobre a vida e a obra do Infante Navegador, o que lhe grangeou quantos aplausos e muitíssimas felicitações. Seguiram-se coros, recitativos, etc., alusivos ao acto.

A juventude escolar da delegação de Melgaço prestou, pois, com brio e honra, a sua homenagem ao Infante D. Henrique, pelo que, bem como os seus professores, está de parabéns.

O tempo e a agricultura—Em 3 do corrente, desencadeou-se sobre esta localidade uma medonha trovoadá acompanhada de chuvas torrenciais, que parecia querer tudo arrasar; mas, felizmente, os estragos causados foram insignificantes.

Como já dissemos, nas vinhas a nasença de cachos foi excelente, e, como a floração se fez em boas condições, é de esperar que a vindima seja abundante—o que Deus permita, pois, pelo que nos diz respeito, em matéria de pingato temos andado a muito menos de meia razão.

Pelo Hospital

MES DE ABRIL

Consultas, 241; Injecções, 203; Curativos, 292; Pequenas Cirurgias, 15; Diatermias, 15; R. X., 8; R. P., 20; Baixas, 31; Altas, 30; Internados, 10.

Enfermária da Maternidade: Maria Amélia Carpinteira S. Paio — Birata, uma menina; Maria das Dores de Brito, S. Paio Lourenços, um menino; Maria Ester Domingues, Paderne — Golães — menina; Maria Augusta Rodrigues, Penso — Bairro Grande, um menino; Maria Cristina Dias, Vila — Galvão, um menino; Rosalina de Conceição, Monção — Paderne, uma menina; Rosa de Carvalho, Vila, um menino; Amélia Rodrigues, Chaviães, um menino; Fernando Gil Vila, um menino; Maria do Nascimento Alves, Rouca — Igreja, uma menina; Teresa de Jesus Lobo, Maria S. Gregório, uma menina; Maria Augusta de Sousa, Vila — uma menina; Zulmira de Jesus Domingues, Chaviães-Sengas, um menino.

Movimento no Banco durante o mês de Maio

Consultas, 244; Injecções, 259; Curativos, 258; Diatermias, 35; R. X., 9; R. P., 45; Pequenas cirurgias, 11; Grandes, 1; Altas, 25; Baixas, 31; Internados, 15.

Enfermária da Maternidade:

Maria Saúde Alves, Vila, um menino; Beati Fernandes, de Cristoval, um menino; Maria Alves, de Pocos Vilhadrque, um menino

(Continua na 3.ª página)

Por terras de França

(Continuação da 1.ª página)

luz. Apresentamo-nos a um Senhor, ainda jovem e perguntamos se era ali que trabalhava um rapaz português, de nome Armando.

O Armando? Pois esta obra foi feita por ele. É um belo rapaz, um grande companheiro, e quero dizer-lho a vocês que são sacerdotes, aqui nunca deixava de cumprir os seus deveres religiosos.

Mas não está aqui e indicou-nos o lugar onde trabalhava mais para os lados da Alemanha.

Partimos. Como eu suspirava por encontrar o Armando. E numa vila próxima, fui dar com o nosso herói, um belo rapaz do Rio, da minha terra, da minha família, que por aqueles sítios, de olhos na sua mãe e no seu pai que adora, ali andava.

Encontrei-o um pouco caído. Não me parecia o mesmo, mas o nosso encontro reanimou-o.

Deixou o trabalho, para o que pediu a necessária licença, ele que é tão estimado pelos seus superiores. E agradecendo ao meu bom colega de Wasberg, a sua hospitalidade, o seu trabalho, e as suas despesas, fomos-nos à procura dos outros confratérios, grandes como ele, no seu amor à terra, à sua gente, ao trabalho...

Ali encontramos o Abílio, o querido Abílio de Soutomendo, capaz de chegar ao fim do mundo, por causa de um amigo. Como gostei de encontrar o Abílio. Recordei-lhe uns castanheiros que ele me enxertara e que tão bons frutos já estavam a dar.

E mais, mais amigos da minha terra, do Rio, de Fiães e de todos os lados, desta abençoada terra. Vi também o Narciso, um valente rapaz, também primo, agarrado a um martelão, que poderia bem carregar um Sputnik, dando marteladas. Parece que toda a terra tremia com o seu pulso. O Narciso, tão novo e tão amiga da sua terra e da sua gente. Eu gostava de que aqueles que andam por aí a criar dificuldades a estes rapazes, vissem o seu poema, o seu trabalho, a sua vida.

Nós não os merecemos.

**

Vi também por aqueles sítios as esposas de dois dos nossos confratérios, que ali os acompanhavam. Uma delas parece que tinha dado muito trabalho para se juntar ao seu marido. Pois ali estavam com eles os filhinhos, uma era de Paderna.

Todos nos estimaram muito.

Que pena é que os deixemos abandonados naquela terra, sem uma ajuda mais substancial, mais próxima para todos.

Pois visitamos toda a nossa colónia melgacense, precisamos de andar, de andar depressa por aqueles sítios, já que o tempo urge. Lembro-me de ter encontrado um jugoslavo, com quem falei muito. Um pobre operário que lá também à sua terra, via a Áustria, a visitar a sua família.

É este bom homem, um operário, ia falar-me das coisas mais altas da nossa religião, da ascese, da santidade, do Purgatório. E no fim, diz-me: — O Padre, reze por mim, para que não vá para o Purgatório.

Este homem foi para mim uma grande lição naquela França. Há homens também que vivem o seu estado de graça, de união com Deus, na mais íntima das amizades, no meio dum mundo de lama.

Mas esta vai longa. E eu logo terei de partir para França outra vez. Não acabo de chegar a Casa do nosso Merim. E tenho que lá chegar, se Deus quiser.

Sociedade Aniversários

FAZEM ANOS: — Amanhã o sr. António B. Reis dos Silva Júnior; no dia 17 a sra. D. Aurora Elvira Rodrigues de Morais, a menina Maria José Inácio e o jovem Joaquim António Pereira Rodrigues; no dia 18 a menina Maria da Conceição Bernardes; no dia 21 o sr. Emídio José de Castro; no dia 22 o sr. José Eugénio (Gonçalves) Pereira Junior; no dia 23 a menina Maria Luísa Inácio; no dia 25 o sr. Manuel Augusto Pinto; no dia 26 o sr. José Manuel Gomes Calheiros; no dia 27 a sra. D. Maria de Lurdes Morais; no dia 28 a menina Henriqueta Lopes Malheiro e o sr. Armando Passos Pereira; no dia 29 as irmãs Clara de Jesus e (Sousa) Lobato e Maria Fernanda Pinto da Silva; e o sr. Manuel Pinto (Chavões), e no dia 30 a sra. D. Maria Joaquina Alves Soares e o sr. Armando da Mota Solheiro.

DR. JOSE B. RODRIGUES — A seu pedi-o, foi exonerado de vice-presidente da Câmara de Carzedo de Ansiões o nosso querido amigo e confratério sr. dr. José Bartolomeu Rodrigues, muito digno Conservador dos registos Civil e Predial de Baião.

Pelo Hospital

(Continuação da página 2)

Estefânea Alves Pinto, d. Remoães, um menino; Maria da Conceição Lourenço Gomes, de S. Gregório, um menino; Isadina de Sousa, de Lamas de Moura, um menino; Maria do Livramento Domingues, de S. João Regueiro, uma menina.

Parado do Monte, 11

CASAMENTO — Celebraram-se no dia 2 do corrente os nubentes Armando Rodrigues do Lugar da Trigueira, e a menina Albina Rodrigues, do Lugar do Paco. Findo o acto religioso, foi servido em casa dos pais da noiva um almoço a diversos convidados. Aos noivos que são dotados de gentimentos

(Continua na 4.ª página)

A festa de Santa Rita

(Continuação da 1.ª pág.)

Como o vimos descer no meio de dois amigos, um deles o inseparável Joaquim, tão bom artista e tão bom amigo, dedicado e carinhoso... Da estrada, tão satisfeito, tão contente, pela casa da mesa até à Igreja...

Como gostamos de que o nosso amigo Mário viesse também...

Mas veio gente de muitos lados, de todo o concelho, desde Castro Laboreiro, a Penso, Paderna... De fora do concelho, vieram muitos, sobretudo de Monção, de Riba do Mouro, da Valhinha, etc.

Foram muitos os romeiros. Muitos.

Sobretudo a procissão, tão bem organizada, estrada acima e depois, de volta para a igreja, o respeito, a compostura, a devoção de todos foi um acto que a todos nos impressionou. Foi na verdade, um grande número.

Depois, pela tarde, muito povo e todos compreenderam como nesta estância tão bonita, de religião, de fervor, de paz, não ficam bem certos divertimentos.

Não houve notas discordantes.

Pois, graças a Deus por tudo.

Não pudemos ainda pagar tudo quanto devíamos aos nossos crédores. Não. Mas aqueles 35.000\$00 que Santa Rita nos mandou, são mais um incentivo, para se continuar.

Nas obras de Deus, nunca há-de faltar o dinheiro que se precisa. E esta obra queremos que seja, toda ela, para Deus.

Vamos pois continuar a trabalhar. Com a mesma fé. Com o mesmo entusiasmo. Com a mesma certeza.

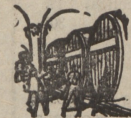
Santa Rita! Como nos tem ajudado! E a que distância nos encontramos dos primeiros dias, já lá vão 16 anos...

Amigo, vamos depressa. Vamos? Espera-nos ainda a construção do «Lar de Santa Rita», para os pobres! E as capelinhas? E a igreja, lá no alto!

Espera-nos ainda muito que fazer.

Vamos todos?

Porque não?



PRODUTOS PARA VINHOS
APARELHOS PARA ANÁLISES
MÁQUINAS PARA ADEGA
TESOURAS DE PODA «PRADINES»

Sociedade de Representações Guipemar, L. da

Rua de Rodrigues Sampaio, 155 — 1.º — PORTO
Telef. 28093 Telég. Guipemar

COMBATE A FORMIGA ARGENTINA

(Mela da vinha)

No Grémio da Lavoura aceita-se a inscrição de lavradores que desejam lhes seja feito o combate à formiga argentina (Mela) — que destrói as suas vinhas — mediante o fornecimento gratuito do produto, com a condição de o inscrito pagar apenas ao capataz 4\$00 à hora.

Devem inscrever-se quanto antes.

30-5-960.

Pinto de Magalhães, L.da

BANQUEIROS

CAPITAL DE RESERVAS: Sessenta milhões de escudos

PORTO — Rua Sá da Bandeira, 53 — Telef. 20133 (P. P. C.) 7 linhas
LISBOA — Rua do Ouro, 95 — Telef. 366056 (P. P. C.) 5 linhas
AMARANTE * ARCOS DE VALDEVEZ * PENICHE * FATIMA

CORRESPONDENTE NO RIO DE JANEIRO

Pinto de Magalhães, L.da — Rua do Ouvidor, 86

Faça render as suas economias depositando-as em

Pinto de Magalhães, L. da

BANQUEIROS

Todas as Operações Bancárias

GENTE E COISAS
DE
"O MEU FICHEIRO"

FARPAS DE DIAMANTE

Parece querer reinar a paz. .em Varzovia, e parece também que o sr. dr. Augusto, ao fim e ao cabo, lá se convenceu de que vinha trilhando caminho errado. Como dizem os brasileiros, o «anãozinho de Prado» virou gigante...

Parece ainda que eu devia ficar por aqui. Talvez devesse; mas... como o nosso jornal é quinzenário e até porque entrei na lide algo mais tarde do que o sr. dr. Augusto, julgo por isso que me assiste o direito de lançar mais esta — só esta — farpazinha; pois, além do mais, contas são contas e eu tenho e sempre tive horror tremendo às dívidas...

Posto isto, peguemos hoje em Santa Casa de Melgaco e de sua pág. 190, raspemos e ponhamos de quarentena a seguinte passagem, visto não corresponder à verdade:

«1665 — P.e António de Figueiroa e Brito

Da Vila e irmão das doadoras do relicário ainda hoje existente na igreja matriz.»

Estou habilitado a dizer ao sr. dr. Augusto que o relicário de prata lisa do tamanho e feito dum pequeno relógio, existente na igreja Matriz, para levar o Senhor aos doentes, é moderníssimo e não é o ofertado pelas irmãs Figueiroas. O destas era outro, muito outro, cuja última notícia se colhe no inventário das alfaias da Confraria do Senhor de 1807, tal qual assim:

«mais hu relicario deprata sobredourada cõ seu cordão de seda couro esua volsa q. serve pa levar o sor q.do vay de noite fora, ou q.do chove q. derão Ignes de Puga e M.ª de Britto figas.»

Este relicário, porém, já não figura no inventário de 1810 nem em nenhum outro posterior. Decerto por ter ido fazer companhia até Barcelos e daqui para França à bacia de prata, à cruz do mesmo metal do pendão e a outros trastes da falada Confraria do Senhor, que se lhes perde a pista naquele ano de 1807. Que isto deve ter sido assim provam-no os Officiais da referida Confraria, os quais nas contas de 1808 apresentam estas duas parcelas:

«D. (espesa) com a condução da Prata a Barcellos 1.175
D. Com hum sacco em q. ella foi embruhada . . . 300.»

Agora se o sr. dr. Augusto crê que a artística e valiosíssima Urna de prata, fundida, batida, cinzelada e repuxada, guardada na Residência Paroquial e que servia «para se expor o SS. Sacramento da Quinta-feira Mor ao Domingo da Ressurreição» — joia que o sr. prof. Alfredo de Magalhães classificou como sendo do estilo Renascença, mas que a mim se me afigura ser antes do opulento estilo chamado Realista, dos meados do século XVII, época em que o progresso da ourivesaria portuguesa tanto se evidenciou — é o relicário oferecido pelas irmãs Figueiroas, também lhe digo que está redondamente enganado, porquanto esta figurava em todos os inventários ao lado daquele, e no de 1807 assim:

«mais hum cofreno sacario deprata perfumado de ouro q. foj de custo, e feito cento vinte e coatro mil reis.»

É realmente, esta Urna, uma joia nem só artística como também valiosíssima; e o que mais espanta é a forma como ela conseguiu escapar às arremetidas dos vorazes «tubarones» e chegar intacta até nossos dias.

Nos fins do século passado, Guerra Junqueiro ofereceu por ela 100 libras e certo espanhol 3.000 pesetas. Aí por 1905, José Alpoim de Sousa Menezes, de Viana do Castelo, para a haver, dava 650.000 reis; e não foi... E não foi graças ao saudoso P.e Manuel José Domingues.

Era agora altura de descrever e fazer mais algumas considerações sobre a mesma Urna; mas, porque isso me levaria longe e porque este já tem sua conta, fica, pois, o assunto para melhor ocasião.

MÁRIO

N. R. — Porque esta prova se extraviou, quando a mandamos aos Serviços de Censura, não nos foi possível publicá-la no número anterior.

De Remoões

Junho, 5

UMA LINDA FESTA ESCOLAR — Integrada nas Comemorações Henriquinas, realizou-se, às 10 horas do dia 28 do mês (finis) na escola desta freguesia, uma linda festa com uma interessante exposição de trabalhos feitos pelos alunos e alunas em que predominavam canções, barquinhos, mapas e outros motivos alusivos à época Henriquina.

Abriu o certame o rev. pároco da freguesia, P.e Costa Leal, que depois de todos os alunos terem cantado o Hino Nacional, religiosa e os peitos mentes escutado por toda a assistência em pé, fez uma brilhante alocução sobre o Infante Navigator e os seus cobrimentos com os quais os portugueses deram novos mundos ao Mundo, sendo muito aplaudido por todos os circunstantes. Seguiram-se canções dedicadas ao Infante D. Henrique, com temas marítimos, recitativos, etc., após o que foi servido a todas as crianças e convidados um peberete, rematando esta linda festa com o Hino da Mocidade seguiu da Portuguesa.

A sala de aula estava ornamentada com linças colgaduras de seda, pendentes das paredes e com grande profusão de flores, e a Ex.ma Sra. Regente D.ª Maria Cristina Pita Barros de Almeida, promotora desta inesquecível festa escolar, foi muito cumprimentada, e daqui lhe endereçamos também os nossos parabéns. — (C)

parada do Monte

(Continuação da 3ª pag.)

cristãos, desejamos um futuro risinho.

DOENTE — Para o Porto onde está internada no Hospital de S. António, partiu a Sra.ª Marcella Esteves, esposa do nosso amigo Francisco Alves. Desejamos-lhe rápidas melhoras.

FESTA DE S. ANTONIO — Realizou-se no dia 5 a festa deste milagroso Santo Português. A missa da festa principiou às 11 horas a grande instrumental pela banda popular de Riba de Mouro, subindo ao púlpito o grande orador «sagra» o Senhor P.e de Barbeita que como sempre muito agradeceu. No fim da missa, saiu uma imponentíssima procissão. De tarde (a musica tocou até às 5 horas, recolhendo tudo na melhor ordem.

O TEMPO E A AGRICULTURA — Está-se procedendo ao sacho dos milhos. O tempo corre bem. Oxalá que não venha contrário, para o vinho purgar, pois agora está no período. Os batataes estão soberbos. Os centeios também estão muito bons. — (C)

Prado, 10

QUE MOSCA LHES TERÁ MORDIDO...?

Uma das maiores pragas, tamanha e tão nefasta como a do escaravelho da batata, que neste século caiu sobre nós, foi, sem dúvida, o aparecimento da chamada «Formiga Argentina», designação esta que talvez devesse ser substituída por «Formiga Doméstica», já que, geralmente, a casa é o seu meio ambiente. Mas seja como for...

Dizia eu que estes insignificantes insectos, que à primeira vista parecem inofensivos, são dumha voracidade inacreditável. Cozido ou crú, tudo lhes serve para pasto: — substâncias doces, frutas, legumes, peixe, carnes, sal, etc., etc.. E, mormente, tratando-se de coisa doce, pode guardar-se seja onde for que logo a brigada batadora a descobre, comunicando imediatamente o achado às demais, que momentos depois cobrem literalmente o achado.

Outro grande dano causado por estes animalejos — dano em que poucas pessoas terão reparado, mas que eu tive ocasião de observar — é que atacam os ninhos dos passarinhos, devorando a respectiva criação logo após a criação. E, caso curioso, quantas mais destas formigas se matam mais elas se multiplicam...

Esta maldita praga já não é nova. Vi-a pela primeira vez, em 1930, em Tolosa, França; em 1936, vi-a em Tancos, e quando em 1941 me fixei em Lisboa já ela tinha assentado ali sólidos arraiais. Aqui em Prado, porém, só surgiu em 1948 e na Vila cerca de dois anos depois.

Pois estes indesejáveis insectos — tem-me esquecido noticiá-lo... — vai para um ano que tal como para aqui vieram assim daqui se foram. Que mosca lhes terá mordido?...

Fosse qual fosse, ou como quer que fosse. O que é certo é que se foram e que todos nós aqui desejamos, e muito, que a terra lhes seja leve... como o chumbo!...

Pois, como já era de calcular, no pretérito dia 6, esta freguesia despoçou-se para ir de jornada até Santa Rita, em cujo êxodo foi também o humilde autor destas notas que não se arrependeu da estafa apanhada, porquanto observou e admirou ali uma obra gigantesca — uma obra que só vendo-a in loco se pode acreditar.

Em tão pouco tempo como foi possível tudo isto?...

Milagre de Santa Rita, dizem uns; génio e tenacidade do gigante, alegam outros...

Seja como for. A mim, porém, continua a parecer-me que é devido a uma e outra coisa...

Desejava fazer mais umas considerações sobre esta festa, especialmente sobre a forma como decorreu o merendeiro do nosso grupo, mas isso é assunto que, se o fizer, ficará para melhor oportunidade.

— Em Santo Amaro e em casa de seu único filho sr. Amadeu Augusto Rodrigues, faleceu, em 3 do corrente, o sr. Severino Augusto Rodrigues (Zebrino Anaco), homem tão pobre como honrado que, em 3-10-1913, quando fui baptizado, anunciou ao mundo a entrada no seio da Igreja de um novo cristão. Era ele então o sacristão.

Severino Augusto Rodrigues, filho de Manuel António Rodrigues e de Maria Joaquina Gonçalves; neto-paterno de Manuel Inácio Rodrigues e de Maria Benedita de Sousa, e materno de Luís Augusto Gonçalves e de Joana Rosa do Souto, nasceu, no lugar dos Bouços, em 1883. Casou em primeiras núpcias com Zulmira da Costa Barreto, de quem enviuvou em 11-12-1911, e em segundas com Maria Delfina Ribeiro, de quem enviuvou em 17-2-1953.

Paz à sua alma e a toda a família enlutada, em especial àquele seu filho, apresento sentidos pésames.

— Chegados do Brasil, estão na sua vivenda da Serra o sr. Alberto Solheiro de Oliveira e sua Ex.ma Esposa sra. D. Regina Evangelista Solheiro de Oliveira.

— Também chegado da mesma nação, está na Corredoura o nosso velho amigo sr. Edmundo Alvaro Gomes.

— A fim de se juntar a seu marido, embarcou para Vila Luso, Angola, a sra. D. Maria Albertina da Silva Ribeiro, que se fez acompanhar por sua filha menina Maria Helena.

— Está na Corredoura o sr. Neomésio do Nascimento Marques, de Lisboa.

— Também está na sua «Vivenda» a bondosa Senhora D. — Isolina de Moura Gomes, que, como sempre, veio acompanhada de sua sobrinha menina Eduarda da Conceição Gomes.

— Igualmente está na «Quinta da Serra» a Sra. D. Maria Edite Natércia Gomes Pinheiro de Almeida, do Porto.

— Regressaram, respectivamente, a França e a Inglaterra as irmãs meninas Augusta e Leonor Barreiro, de Santo Amaro.

— E, por hoje, mais conversa lhes não fia o — (C).